

Sobre a química cerimonial (...e a propósito de Thomas S. Szasz)

MANUEL TAVARES DA SILVA *

«— Se eu fosse pescadinha — disse Alice que estava ainda a pensar na cantiga — teria dito ao Delfim: Ponha-se daqui para fora! Não o queremos ao pé de nós!

— Elas eram obrigadas a tê-lo em sua companhia — respondeu a Tartaruga Falsa. — Nenhum peixe sensato pode ir a qualquer lugar sem Delfim.

— Verdade que não? — perguntou Alice muito surpreendida.

— Claro que não! — disse a Tartaruga Falsa. — Se um peixe viesse ter comigo e me dissesse que ia fazer uma viagem, eu perguntava: Com qual Delfim?

— O que quer dizer *é qual fim e não delfim* — disse Alice.

— Quero dizer o que disse! — replicou a Tartaruga Falsa, num tom ofendido.»

*Aventuras de Alice no País das Maravilhas*¹

1. Eysenck, no seu *Crime and Personality* (Eysenck, 1964), utiliza como epígrafe do seu capítulo sobre a «Tarefa da Sociedade» o mesmo trecho que reproduzo logo de entrada. Isto não significa a minha adesão total à perspectiva que orienta Eysenck. De qualquer modo, concordo que este diálogo entre Alice e a Tartaruga Falsa traduz, com perfeição sedutora de simbolismo, o problema profundamente vivido da sociedade actual: qual a tarefa da sociedade,

da sociedade no seu significado prático dos detentores dos poderes.

Neste seu livro, Thomas Szasz, com a sua habitual erudição, precisão e magníficas intuições, aborda, desafiando o estruturado, um dos maiores (mais falados, mais referidos) problemas sociais do nosso tempo: o do uso ilegal de drogas e a fármaco-dependência. Continuando a sua crítica à prática da psiquiatria institucional, do poder médico e do Estado terapêutico (Szasz, 1961, 1963, 1965a, 1965b, 1970a, 1970b, 1973a, 1973b, 1975), procura demonstrar neste seu trabalho as ambiguidades sobre que repousa a atitude das nossas sociedades em relação à droga e aos drogados. Referimos *Ceremonial Chemistry*.

Em concreto, defende como o uso de certas drogas, simbolicamente significativo, preenche a necessidade básica do ser humano numa participação ritual na congregação que é a sociedade. Mostra como algumas dessas drogas, o ópio e a cocaína, por exemplo, são consideradas narcóticos «perigosos»; mostra como outras, o álcool e a nicotina, por exemplo, são olhadas como substâncias não médicas socialmente aceitáveis; como os «vendedores» das primeiras são olhados como criminosos e como os vendedores das segundas são considerados colaboradores do poder político e económico. Clarifica ainda como a definição da fármaco-

* Psicossociólogo. Professor no I.S.P.A.

¹ *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, tradução de José Vaz Pereira e Manuel João Gomes, edição Afrodite, Porto, 1976. Na versão da língua original, o trocadilho é feito com «*purpose*» (fim, objectivo, intenção) e «*porpoise*» (porco-marinho, marsuíno), termo popular que designa o delfim existente nas costas da América.

-dependência como problema médico nega, ou ignora, o seu profundo significado político e religioso.

Tal como praticamos diferentes graus de tolerância, e de intolerância, em relação às práticas religiosas, praticamos também semelhantes atitudes de tolerância e de intolerância em relação às drogas e ao uso das drogas. Na realidade, o uso ou o não uso das drogas, as condições de permissão ou de proibição do uso das drogas, não é apenas um problema de saúde e de doença, de intoxicação e de tratamento, é basicamente um problema de bom e de mau.

Sem dúvida que o homem é também o ser que se manipula a si mesmo, podendo, assim, reduzir-se à escravatura e precipitar-se no terror. Sem dúvida que o homem é um ser em eterna procura, descontente e ameaçado: um ser que não possui a perfeição, a um tempo limitada e absoluta, do animal e, conseqüentemente, se sente abandonado e sem protecção num mundo que, ao mesmo tempo, não deixa de conquistar. Mas existe também (e decorre das exigências que possibilitaram a chamada civilização, produto impregnado de forma histórica) a manipulação inerente ao domínio estrutural da sociedade. Ora esse domínio estrutural da sociedade tende a conservar-se tal qual é, e elimina, em proveito próprio, uma parte considerável da eficácia humana.

Thomas Szasz aborda frontalmente a dialéctica da *antimanipulação* e da *manipulação* dos *dominadores sociais* através do problema da droga. As suas dimensões psicossociológicas são extremamente importantes. Se não houvesse tensão entre o homem e as suas formas sociais, nem sequer haveria história. No entanto, nem tudo o que implica essa tensão pode ser explicado por necessidades históricas. Existe algo de mais profundo que está em jogo.

2. Como Thomas Szasz o recorda, *pharmakos*, a palavra grega donde deriva fármaco, «o nome cheio de nobreza da droga», significava primitivamente «bode expiatório». Vale a pena aprofundar este «bode expiatório», nos seus dois

sentidos (de drogas que servem de «bode expiatório» de inúmeros fenómenos humanos e de pessoas que, utilizando-as, servem de «bode expiatório» de inúmeros fenómenos sociais), na perspectiva-síntese da psicologia e da sociologia, na perspectiva da psicossociologia. Thomas Szasz dá um contributo extremamente significativo para a compreensão deste fenómeno. Sem dúvida que o autor reafirma a cada passo a sua preocupação de médico; todavia, é curioso, quando o faz é para negar que esteja no domínio do estudo médico a sua dimensão significativa.

Ao ler Carlos Castaneda (Castaneda, 1974), teve forte impacto no meu reflectir a sua transcrição das palavras do velho índio Don Juan. Recordo alguns tópicos:

«O primeiro acto dum mestre é introduzir a ideia de que o mundo que pensamos ver é apenas uma visão, uma descrição do mundo. Todos os esforços dum mestre são conduzidos no sentido de provar este ponto ao seu aprendiz. Mas aceitá-lo é uma das coisas mais difíceis que alguém pode fazer; estamos complacientemente apanhados pela nossa visão particular do mundo que nos leva a sentir e actuar como se soubéssemos tudo sobre o mundo. Um mestre, desde o primeiro acto que realiza, procura acabar com essa visão. Os feiticeiros chamam-lhe acabar com o diálogo interno e estão convencidos que é a técnica mais importante que o aprendiz pode aprender.»

E, mais à frente:

«A pena-de-ti-mesmo era testemunha de tudo o que fazias. Estava na ponta dos teus dedos, pronta a aconselhar-te. A morte é considerada pelo guerreiro como o melhor dos conselheiros que pode testemunhar todas as coisas que fazemos como a pena-de-si-mesmo ou a raiva. Obviamente, depois de uma luta indescritível, aprendeste a ter pena de ti mesmo. Mas também poderias aprender, da mesma maneira, a sentir o teu inevitável fim e, assim, aprender a ter a ideia da tua morte nas pontas dos dedos. Como conselheiro, a pena-de-si-mesmo não é nada em comparação com a morte.»

E ainda, referindo-se às «plantas do poder», como chama à droga que usa com o seu discípulo Carlos, responde assim à pergunta deste:

«— *As plantas do poder ajudaram-me? — perguntei-lhe.*

— *Com certeza — disse ele. — Abriram-te, acabando com a tua visão do mundo (...) Inundaram de informação e obrigaram o diálogo interno a acabar. As plantas são excelentes para isso mas muito caras. Provocam danos indescritíveis no corpo.»*

Realmente, o problema individual-social da droga encontra-se resumido nestas frases de Don Juan nas suas dimensões mais globais: na sua função de «bode expiatório». A questão do diálogo interior socialmente estereotipado que o indivíduo, por vezes, anseia acabar e a sociedade insiste em prolongar. A «pena-de-si-mesmo» estabilizante, fugitiva, destrutiva, que se esconde na droga «bode expiatório» olhando uma morte-passagem. O poder e os poderes e a ajuda no poder.

3. O «bode expiatório» (e poderíamos dizer aquele que é a droga e aqueles que não são a droga) é fundamentalmente um artifício e artimanha no encaminhamento da dinâmica do *viver*: na neotenia do desenvolver-se até à morte que não é objectivo, que é mero fim; no desenvolver-se que é substituto da metamorfose impossível; no desenvolver-se que aproxima (?) ou distancia (?) da morte, que possibilita o mito da morte-metamorfose que se pode apressar pela morte-heróica e que é condenável pela morte-proibida.

O velho Don Juan da obra de Castaneda propõe uma vida de metamorfoses por acumulação formal anterior à morte (perigosa de morte, mas anterior à morte e função da morte). E um dos aspectos curiosos de toda esta teoria-crença é que as drogas aparecem, não como via, não como caminho, meramente como «bode expiatório» que distrai as dificuldades do indivíduo possibilitando-lhe o não impedir o desenrolar-se do potencial metamórfico.

A questão básica da psicossociologia está no inacabamento humano, na neotenia do ser hu-

mano. Em *L'entrée dans la vie* (Lapassade, 1963), essa questão é praticamente definida². O não completamento das metamorfoses não possibilita a estabilidade que não na morte: não podemos ter uma psicossociologia que seja as regras comportamentais, psicológicas e sociológicas, do ser humano completo. Temos um estudo da ausência de regras: das forças que interactam nessa desordem e ordenam a falta de regras; das regras do quase-equilíbrio com que, artificialmente, tentam superar a tensão da dialéctica dessas forças em não-equilíbrio, na instabilidade.

No que diz respeito às drogas, de forma mais ou menos enérgica, mais ou menos violenta, o seu atributo fundamental consiste no facto de impedir o quase-equilíbrio nas suas dimensões biopsicológicas, portanto psicossociológicas. A sua aparência primária pode ser de estabilidade, de paragem; o cerimonial da sua utilização poderá parecer de regras estabelecidas, do vício das regras estabelecidas; mas a sua influência, a sua *intervenção*, é dinamizadora do não-equilíbrio, da instabilidade: instabilidade fisiológica, instabilidade psíquica, instabilidade social. E seja boa ou má essa instabilização, se o ambiente de «vida» faz todos os esforços de estabilidade (de imobilização da dinâmica social, de imobilização da dinâmica interior do sentir e actuar, de retardamento da dinâmica corporal), as interacções *instabilizantes* tornam-se desejadas, os «bodes expiatórios» da mudança (globalidade do fenómeno de instabilidade que não é a metamorfose) tornam-se necessários.

A interpretação popular e generalizada dos fármacos, no nosso tempo e sociedade, é o que faz bem se receitado pelo médico (ou por quem tenha delegação de poder, explícita ou implícita, do sacerdote dessa religião) e é o que faz mal se contra a receita do médico (ou sem a delegação de poder do médico). Em concreto, o efeito do fármaco é «instabilizar» o quase-equilíbrio existente (se ele é bom ou mau é o

² Ver também Georges Lapassade (1977) — «O mito do adulto», *Análise Psicológica*, 1:13-22.

que se pode discutir como valor e é igualmente decidido pelo poder): é um efeito de *intervenção*.

Mas avancemos um pouco mais: as consequências fundamentais do inacabamento humano estão nos problemas de *interacção* entre esse mesmo ser humano e o seu ambiente (que inclui também os seres humanos). Trata-se portanto duma *interacção* entre elementos quase-estáveis ou instáveis, não-estáveis de qualquer maneira em tudo o que se refira ao humano. Tornam-se óbvias duas tendências contraditórias e igualmente fortes: a busca de estabilidade de *interacção* (só viável concretamente pela metamorfose anuladora da neotenia) e a ânsia permissiva do desenvolvimento (desenvolvimento só completado pela morte).

Em termos de psicossociologia, o estudo da *interacção* é o seu próprio objectivo³. Logicamente, o fenómeno da *intervenção* (enquanto fenómeno e não como química dos intervenientes), modo especial de *interacção*, ou de interferência na *interacção*, tem de estar incluído no campo da psicossociologia. Em resumo, os fenómenos da «busca da estabilidade da interacção», da «ânsia da instabilidade permissiva do desenvolvimento» e os modos e efeitos da intervenção nesses fenómenos, ocupam a psicossociologia.

A droga é um interventor importante do nosso tempo, é uma moda de discussão e uso da época, é um cerimonial simbólico de todo um contexto, é um objecto de repressão, medo e sedução, e nestas afirmações da voz corrente está o segredo que faz do assunto um tema cujo estudo pode ser psicossociologicamente muito significativo (não pelo problema em si mesmo, mas pelas conclusões que pode permitir). Aliás, para mim, a primeira grande qualidade deste trabalho de Thomas Szasz está no não se preocupar tanto com a droga e a fármaco-dependência em si mesmos, mas sim com toda a problemática de que aqueles temas são «bodes expiatórios».

³ Suponho clarificar suficientemente este assunto em «Problemas didácticos da introdução à dinâmica de grupo», *Análise Psicológica* (1977), 1:23-35.

4. No trabalho que tenho em vias de edição, *Liturgia Psicossociológica. Perspectivas da Mudança* (título que aponta bastante a influência de Thomas Szasz) insisto muito frequentemente no como, ao longo da história, vemos as tecnologias inerentes e decorrentes das hipóteses científicas da psicossociologia (e uso a expressão «hipótese científica» com todo o peso teórico directo, como «hipótese» e como «científica») ultrapassam a sua ligação com essas mesmas hipóteses científicas e passam a funcionar e a ser utilizadas como uma *liturgia*, como um cerimonial que se pratica como sustentáculo da «religião» perfilhada. Thomas Szasz, a propósito da droga, descreve e interpreta claramente esse fenómeno.

A «religião», a definição de deus ou dum substituto de deus, parece-me ser um dos grandes sintomas da neotenia. Se o processo de metamorfoses decorresse até ao adulto que Bolk (Bolk, 1926) diria que é o gorila, deus não seria preciso. Na instabilidade torna-se tentadora a invenção (provavelmente mais do que tentadora) do deus estável, completo, onde resida o poder (a «cracia»).

O problema do poder (das «cracias»: teocracia, gnoseocracia, burocracia, falocracia, democracia, plutocracia, monocracia, farmacocracia, terapeutocracia, etc.) é essencial para o ser humano: «onde está o poder?»; é preciso que o poder se localize de modo estável, definitivamente imutável; é uma busca de estabilidade; a menor perturbação, a menor dúvida, a menor imprecisão, nessa localização do poder, acentua o inacabamento, a instabilidade. No fundo, a questão de deus é a questão do poder: definitivamente definido onde está o poder (o que é o poder) é possível o simulacro de estabilidade através da autoridade (das «arquies»), das delegações do poder. O problema do poder e o problema da autoridade (das «arquias»: hierarquia, monarquia, nobiliarquia, gnoseoarquia, farmacoarquia, terapeuticoarquia, etc.) o jogo verbal e não verbal do poder e da autoridade, torna-se, na dinâmica da instabilidade, o jogo desesperado de obnubilarem a realidade.

Também neste aspecto considero a obra de Thomas Szasz extremamente útil para a análise do simbólico que traduz relativamente ao poder e, por conseguinte, à autoridade.

Um dos aspectos que assusta o mundo é a hipótese da farmacocracia que sentem; a farmacocracia é aceitável para muitos se devidamente integrada numa gnoseocracia (ou noutro poder semelhante no esplendor que este tem tido).

A farmacocracia assusta, não se quer e diz-se que existe: por isso se fala da viciação, se considera «decisão» do fármaco a fármaco-dependência. Por isso se considera «luta contra a droga» a repressão do drogado, dos «discípulos» da droga, dos «servidores» da droga. Considera-se na «luta contra a droga» quais as «drogas com mais poder», as que é preciso «lutar-contra-com-mais-força», «punindo» ou «reconvertendo» os seus «servidores».

Thomas Szasz denuncia as contradições que é muito importante denunciar em relação à época actual. As ambiguidades em que assenta a atitude da sociedade actual em relação à droga e aos drogados.

É uma tendência do nosso tempo esconder a «ciência» que quer sobreviver pela imposição de uma «arquia» que lhe está submetida mas não se correlaciona explicitamente; vulgarmente surge uma hierarquia lógica; na realidade afasta o problema de poder em causa encoberto pelo problema de autoridade apresentado como se este existisse só por si mesmo.

Por outro lado, a dificuldade do problema agravada pela confusão crescente, dificuldades inerentes ao problema humano do poder, exige o acréscimo de «bodes expiatórios» e a necessidade da sua valorização mitológica.

Thomas Szasz tem razão quando não prega contra as drogas «fortes» («duras») mas põe em questão a própria natureza do problema. É verdade que se expõe às implicações políticas e religiosas ao mostrar que a interdição de certos paraísos artificiais não passa dum tratamento, pelo Estado terapêutico, da autonomia e dos direitos fundamentais do ser humano.

5. O homem está condenado a exercer permanentemente uma totalização entre dificuldades e contradições de todos os géneros. O trágico é que essa totalização não representa uma simples soma: representa a superação continuada das contradições que existem. É claro que se torna inevitável que, para o indivíduo concreto, diversos aspectos desse processo sejam escondidos pela racionalização, sejam reprimidos e negados. O ser humano enriquece constantemente à custa do mundo e, constantemente também, perde-se nesse mundo, aliena-se. A sua principal tarefa é a personalização; mas a sua hipótese possível é a despersonalização que conduz à mentira da falsa consciência e ao inferno dum mundo esquemático.

Essa despersonalização explicita-se muitas vezes através de um rigor puritano individual (que serve para mascarar a reivindicação do prazer reprimido) e através do conformismo social (que é o disfarce dum agressividade exigida pela sociedade contra as pessoas e grupos perturbadores do esquema existente). Muito naturalmente, a hipótese possível (e exigida frequentemente) de despersonalização leva ao apelo dos «bodes expiatórios»; portanto, em si mesmos, os «bodes expiatórios» são positivos e negativos.

Como tal, a droga (e Thomas Szasz insiste de diferentes formas, acho eu) é em si mesma negativa e positiva. Mais ainda, a sua positividade ou negatividade não pode ser definida pela droga em si mesma, nem sequer pelas circunstâncias de utilização: depende da capacidade de «superação continuada das contradições que existem» no sujeito e no contexto em causa.

Como Thomas Szasz diz na obra em causa: *«A capacidade do ser humano mentir a outro não é ultrapassada pela que tem de mentir a si mesmo. As drogas que se pretende que criam um hábito, ajudam muitas vezes uma pessoa a mentir a si mesma; mas ajudam igualmente a escapar-se das autoridades que a enganam. Eis por que o controle das drogas escapa aos que a controlam. As autoridades querem mo-*

nopolizar todos os métodos de controle interpessoal, incluindo a droga e o engano das drogas: declaram guerra a todas as drogas que as pessoas querem tomar e insistem no seu direito de decidir quais serão as drogas a dar às pessoas, fortes se necessário.»

O esquema de poder e de autoridade do nosso tempo e da nossa sociedade prefere a despersonalização ao encarar do profundo da problemática do viver (será essa problemática o diabo ou seu substituto?).

6. Suponho ser evidente que este texto que escrevo não é um resumo do trabalho de Thomas Szasz: pretende ser o apontar de tópicos de reflexão que me sugeriu e que gostaria de aprofundar psicossociologicamente. Não me importa, nem desejo, o acordo de discípulo; importam-me as sugestões de realidade.

Voltando ao trecho de *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, que cito em epígrafe, não interessa ao ser humano qual o *delfim* ou o *antidelfim*; apenas *qual fim*, qual processo de totalização.

A nossa sociedade, o problema da droga é um exemplo, insiste em dizer como a Tartaruga Falsa: «Quero dizer o que disse.»

RESUMO

Tomando como tópico o livro de Thomas Szasz Ceremonial Chemistry, e todo o seu trabalho, este artigo considera vários pontos psicossociológicos que é necessário estudar, com mais pormenor, acerca do homem e da sociedade do nosso tempo.

*Esses pontos seguidos são: a dialéctica da manipulação e antimanipulação dos dominadores sociais através do problema da droga; a questão do poder e do diálogo interno; a neotenia do ser humano e as dimensões do estudo da interacção; o poder, a autoridade e a neotenia; a totalização humana através das difi-
culdades e contradições.*

SUMMARY

Taking as a topic the book of Thomas Szasz Ceremonial Chemistry, and the rest of his work, this article considers several points of psycho-sociology that must be studied, in more detail, about the man and the society of our time. The points referred are: the dialectics of manipulation and anti-manipulation of social dominants through drug-problem; the question of power and internal dialogue; human being neoteny and the dimensions of interaction study; power, authority and neoteny; and human totalization through difficulties and contradictions.

REFERÊNCIAS

- BOLK, L. (1926) — *Das Problem der Menschwerdung*, «Le Problème de la Genèse Humaine», trad. por F. Gautheret e G. Lapassade, *Revue Française de Psychanalyse* (1961), Mars-Avril.
- CASTANEDA, Carlos (1974) — *Tales of Power*, Simon & Schuster, New York.
- EYSENCK, H. J. (1964) — *Crime and Personality*, Routledge & Kegan Paul, London.
- LAPASSADE, Georges (1963) — *L'entrée dans la vie: Essai sur l'achèvement de l'homme*, Editions de Minuit, Paris [tradução portuguesa: *A Entrada na Vida*, Edições 70, Lisboa, 1977].
- SZASZ, Thomas S. (1961) — *The Myth of Mental Illness: Foundations of a Theory of Personal Conduct*, Hoeber-Harper, New York.
- SZASZ, Thomas S. (1963) — *Law, Liberty and Psychiatry: An Inquiry into the Social Uses of Mental Health Practices*, Macmillan, New York.
- SZASZ, Thomas S. (1965a) — *Psychiatric Justice*, Macmillan, New York.
- SZASZ, Thomas S. (1965b) — *The Ethics of Psychoanalysis: The Theory and Method of Autonomous Psychotherapy*, Basic Books, New York.
- SZASZ, Thomas S. (1970a) — *Ideology and Insanity: Essays on the Psychiatric Dehumanization of Man*, Doubleday Anchor, Garden City, New York.
- SZASZ, Thomas S. (1970b) — *The Manufacture of Madness: A Comparative Study of the Inquisition and the Mental Health Movement*, Harper & Row, New York.
- SZASZ, Thomas S. (1973a) — *The Second Sin*, Doubleday Anchor, Garden City, New York.
- SZASZ, Thomas S., Ed. (1973b) — *The Age of Madness: A History of Involuntary Mental Hospitalization Presented in Selected Texts*, Doubleday Anchor, Garden City, New York.
- SZASZ, Thomas S. (1975) — *Ceremonial Chemistry: The Ritual Persecution of Drugs, Addicts and Pushers*, Routledge & Kegan Paul, London.